



5485 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

SER MULHER, ALUNA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: o que dizem as jovens mulheres inseridas na EJA da rede Municipal de Ensino de Guanambi-BA?
Maria de Fátima Pereira Carvalho - FAE - Faculdade de Educação da UFMG
Carmem Lucia Eiterer -
Agência e/ou Instituição Financiadora: PAC/UNEB e CAPES

SER MULHER, ALUNA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: o que dizem as jovens mulheres inseridas na EJA da rede Municipal de Ensino de Guanambi-BA?

RESUMO

Este texto trata de uma pesquisa em andamento que objetiva conhecer os projetos de vida de jovens mulheres que frequentam a EJA, verificando em que medida a escolarização toma parte deles. A compreensão dos dados está fundamentada nos pressupostos da abordagem qualitativa. Do ponto de vista técnico-metodológico, estão sendo utilizados grupos de discussão. Os tratamentos dos dados estão sendo feitos com base na análise de conteúdo. A fundamentação teórica está pautada em discussões, reflexões e conceitos de pesquisadores do campo da EJA, com ênfase em estudos que discutem jovens mulheres na referida modalidade de ensino. Está evidente que as jovens mulheres, alunas da EJA fazem muitos enfrentamentos para que possam garantir a sua presença no contexto escolar. Evidenciamos também que a escolarização toma parte nos projetos das jovens mulheres, se não a médio e longo prazo, em termos de continuidade de estudos em nível superior, ao menos enquanto possibilidades de acesso a uma maior qualificação para o mundo do trabalho ou para a própria sobrevivência cotidiana.

Palavras chave: Jovens mulheres. Alunas da EJA. Escolarização.

Para Início de Conversa

Este texto resulta-se de um recorte da pesquisa de doutorado em andamento, intitulada "Jovens mulheres na educação de jovens e adultos e a constituição de seus projetos de vida" que objetiva conhecer os projetos de vida de jovens mulheres que frequentam a referida modalidade de ensino, verificando em que medida a escolarização toma parte deles. A pesquisa está sendo desenvolvida nas escolas da rede pública do município de Guanambi-BA, que fica a 790 km de Salvador, capital da Bahia.

Como recorte para este trabalho optou-se por apresentar os primeiros resultados obtidos durante o processo de investigação a partir de uma reflexão sobre o ser jovem mulher e aluna da EJA. O estudo mostra que as jovens mulheres inseridas no contexto da educação de jovens e adultos, não são quaisquer mulheres, são jovens, negras, pobres, mães, filhas e trabalhadoras do mercado informal, mais especificamente como domésticas e/ou babás. Demonstra também que essas jovens enfrentam muitos desafios para participarem do processo de escolarização, já que acreditam que ele possa ser um meio de transformação de suas vidas futuras.

Adotou-se para este trabalho uma abordagem metodológica qualitativa, baseando-se nos diálogos dos grupos de discussão [\[1\]](#) realizados com as jovens mulheres, alunas da EJA da rede municipal de ensino de Guanambi-BA.

De acordo com os dados do Censo da Educação Básica/2018 [\[2\]](#), Guanambi conta com 1.731 pessoas matriculadas na EJA, sendo 49,9% no ensino fundamental e 50,1% cursam o ensino médio. Deste total, 850 são do sexo feminino e 881 do sexo masculino. Observa-se, portanto, que o número de mulheres inseridas na EJA ainda não alcançou o patamar de igualdade em relação aos homens, chegando a ser mais de 30 mulheres a menos que o índice de homens matriculados nessa modalidade de ensino. Em se tratando de Brasil esse índice chega a ser mais de 100 mil homens a mais que mulheres na EJA.

Dentre as mulheres matriculadas nessa modalidade de ensino no município, em 2018, 130 não declararam a sua cor, enquanto 92 se declararam brancas, 71 pretas, 553 pardas, 3 amarelas e 1 indígena. Assim 73,4% se autodeclararam negras (pretas e pardas), 15,3% não declararam, 11,2% brancas e amarelas, e 0,1% indígena. Está evidenciado que o índice de mulheres negras no campo da EJA sobrepõe ao número de mulheres brancas e/ou amarelas. Então, não são quaisquer jovens mulheres que estão inseridas nessa modalidade de ensino, são jovens, mulheres, negras, mães ou não e, pobres.

Em se tratando da faixa etária desses/as educandos/as, 71,6% estão na faixa etária entre 14 e 29 anos. Nota-se, portanto, a grande presença de jovens, negros na modalidade EJA, mais especificamente, jovens, mulheres e não brancas. Afinal,

quem são as jovens mulheres, inseridas na educação de jovens e adultos, mais especificamente na Aceleração II [3], Estágios 1 e 2? De onde elas vêm? O que fazem? Por que estão na EJA? O que projetam para as suas vidas?

Elas são mulheres pertencentes a várias categorias – classe, religião, raça, etnia, gênero, território e geração. São diferentes entre si: há jovens mulheres que se declaram afrodescendentes e outras que se reconhecem como pardas; umas são de religião católica, outras evangélicas e há aquelas que não praticam nenhuma religião; a maioria delas trabalham no mercado informal, inclusive como domésticas ou babás. São jovens mulheres que estão inseridas na EJA porque acreditam que a escolarização pode proporcioná-las melhores condições de vida.

Ser Jovem Mulher, Aluna da Educação de Jovens e Adultos

De acordo com Brahm (2006), “o signo “mulher” tem sua própria especificidade constituída dentro e através de configurações historicamente específicas de relações de gênero. Seu fluxo semiótico assume significados específicos em discursos de diferentes “feminilidades” onde vem a simbolizar trajetórias, circunstâncias materiais e experiências culturais históricas particulares” (BRAHM, 2006, p. 341). Nesse sentido, indagamos: o que é ser mulher, em especial ser mulher no ocidente?

Para Silva (2017) “significa faltas e qualidades intrinsecamente femininas, que, se não são apresentadas em um corpo feminino, este corpo será considerado fora da curva e descartado, pois não pode pertencer à história das mulheres” (p. 47). A história oficial e enviesada é narrada a partir de uma visão patriarcal, masculina e europeia, ausente dos autos da história a resistência das mulheres a um sistema capaz de dizer que elas não poderiam fazer parte simplesmente por serem mulheres.

Em se tratando dos países latinos americanos, quantas mulheres não são negadas diariamente de assumir papéis que historicamente são destinados aos homens, para que fiquemos com a sensação de que não são capazes de assumir tais funções? O que se vê hoje em dia, são muitas mulheres enfrentando situações de risco para construir independência financeira, liberdade de pensamento e de escolha. Sabemos também que não é somente a questão de gênero, a responsável pelos obstáculos enfrentados pelas mulheres. Concordamos com Silva (2017) ao afirmar que em uma “clivagem com raça e classe, mulheres que não são brancas, pertencentes à raça forjada como o modelo de ser humano a ser seguido, enfrentam dificuldades de ordens diferentes às de uma mulher branca com vida financeira bem arranjada” (p.48). No entanto, compreendemos também que “todas as mulheres são vulneráveis à violência de gênero e, de acordo com as intersecções de raça, classe e gênero, essas vulnerabilidades se apresentam de maneiras diferentes” (SILVA, 2017, p. 48).

A necessidade de assumir responsabilidades, seja elas advindas do casamento, da maternidade, do trabalho, dentre outras, as mulheres se submetem a condições desiguais constituídas estreitamente à natureza feminina. Para Barbosa (2013, p.113) “essas mulheres, ao naturalizar tais desafios sob suas perspectivas pessoais, não percebem que são desafios comuns postos a elas enquanto mulheres, em alguns casos, pobres, negras ou pardas”.

Isto está evidenciado nas falas das jovens mulheres durante os diálogos nos Grupos de Discussão (GD) da pesquisa em pauta: “*ser jovem mulher da EJA é estudar e, ao mesmo tempo, trabalhar. O pior de tudo é quando o marido é fresco. Temos que trabalhar fora e ao chegar em casa, lavar prato, cozinhar, arrumar a casa e ainda cuidar de filho e de marido, não é nada fácil para nós.... Quando retornamos da escola, ainda é preciso fazer a janta porque o marido não come comida requentada, e eles ainda acham que o que fazemos em casa não é trabalho*” (GD 1, mar.2019).

De acordo com Jesus e Barbosa (2016, p 134), “a desvalorização do trabalho doméstico realizado pelas mulheres atua no sentido de escamotear a importância delas na sociedade”. Para esses autores, no sistema patriarcal, elas deveriam ficar à sombra dos homens e, quando fosse preciso, seriam recrutadas para o trabalho fora do lar, como ocorreu durante as guerras e no processo de industrialização. Observa-se, portanto, que nos dias atuais muitas mulheres, como é o caso das jovens estudantes da EJA, ainda vivem situações dessa natureza.

Ao mesmo tempo, que as jovens da EJA relatam as várias responsabilidades assumidas por elas no cotidiano, apontando-as como desafios em suas vidas, elas destacam a maternidade como possibilidade de conciliação entre o estudo e o cuidar dos filhos, “é só deixá-los com as/os avós e/ou trazê-los para a sala de aula como fazem algumas colegas: trazem os bebês no carrinho e deixa-os do lado delas na sala. Assim elas podem cuidar do filho e continuar estudando” (GD 1, mar.2019).

As jovens mulheres trazem a violência como outro elemento que compõe um dos desafios que é ser jovem mulher e aluna da EJA, “corremos risco de violência para vir para a escola, pois algumas esquinas e ruas são muito escuras. O bom é que umas fazem companhias às outras, principalmente, na volta para casa”. (GD 1, mar.2019).

Como a escolarização toma parte dos projetos de vida das jovens mulheres da EJA, elas demonstram o quanto suportam impedimentos para estarem na escola diante dos obstáculos e como elas criam estratégias para fazer esses enfrentamentos.

Em busca de conclusões

Embora inconclusa, o que a pesquisa tem revelado, de maneira geral, e? que, ser jovem, mulher e aluna da educação de

jovens e adultos perpassa por questões que vão além do processo de escolarização, experimentam muitos desafios para garantir a sua presença na escola. As jovens mulheres inseridas nessa modalidade de ensino procuram articular o processo de escolarização e o mundo do trabalho, ainda que seja o mercado informal. Além disso, veem na escolarização a possibilidade de mudanças futuras em suas vidas futuras.

Entretanto, os dados sugerem maior investigação e análise para que seja possível compreender melhor os projetos de vida das jovens mulheres que frequentam a EJA, verificando em que medida a escolarização toma parte deles.

REFERÊNCIAS

JESUS, Carla Simone Barbosa de; BARBOSA, Robson de Jesus Silva (2016). Trabalho feminino x nível de escolaridade: uma análise sobre a influência da educação para a inserção da mulher no mundo do trabalho. **Revista Ártemis** Vol. XXI jan-jul 2016, p.131-146.

BARBOSA, Ana Rita. **As Repercussões da Educação de Jovens e Adultos** - EJA- na vida de mulheres no município de Barra de Santana - PB. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (PPGSC/UFCG). Campina Grande - PB, 2013.

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos Pagu (26), janeiro-junho de 2006, p.329-376.

SILVA, Maria Aparecida. **Trajetórias de Mulheres Negras Ativistas**. 1 Ed. Curitiba: Appris, 2017.

[1] Os grupos de discussão foram estruturados em 5 GD, um em cada escola que atende o ensino fundamental da EJA em Guanambi. Cada GD contou com a participação de 6 a 9 jovens mulheres. Até o momento foram realizados dois encontros por GD. Neste ensaio, utilizamos dados do DG 1, por ter sido o primeiro GD da pesquisa em pauta, realizado no mês de março de 2019.

[2] Disponível em <http://www.deolhonosplanos.org.br/censo-escolar-2019-confira-os-dados-disponibilizados-pelo-mec-sobre-a-educacao-basica-no-pais>. Acesso em: 17 de mar. de 2019.

[3] A EJA, no ensino fundamental, está assegurada na Rede Pública de Guanambi, desde 2004 por meio do Projeto Organização das Classes de Aceleração da EJA, Nº 14/2004 de 15 de dezembro de 2004. Nesse projeto, a EJA é denominada Aceleração I e Aceleração II, correspondendo respectivamente ao primeiro e segundo segmentos do Ensino Fundamental. A Aceleração II corresponde ao Estágio 1 (5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental) e Estágio 2 (7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental).